

Japão quer aval do Bird a 10% dos créditos dados ao Brasil

SÃO PAULO — Os grandes bancos credores japoneses querem que o Banco Mundial (Bird) aceite avalizar pelo menos 10% dos US\$ 5,2 bilhões em dinheiro novo que o Brasil pleiteia junto ao comitê de bancos credores. Caso o Bird não aceite essa condição, os bancos japoneses poderão realizar gestões para que o governo do Japão reduza o ingresso de recursos provenientes do Fundo Nakasone, que serão repassados pelo Banco Mundial.

O Fundo Nakasone, constituído de US\$ 30 bilhões e criado pelo governo japonês para ajudar o desenvolvimento do Terceiro Mundo, será repassado em duas parcelas, a primeira de US\$ 10 bilhões e a segunda de US\$ 20 bilhões. A primeira parcela vai conceder US\$ 2 bilhões para o Bird, US\$ 3,6 bilhões para o Fundo Monetário Internacional (FMI) e mais US\$ 3,9 bilhões para a International Finance Corporation (IFC), órgão do próprio Banco Mundial. Os outros US\$ 20 bilhões, da segunda parcela, serão

divididos em US\$ 8 bilhões para o Bird, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco de Desenvolvimento da Ásia, mais US\$ 9 bilhões em projetos de cofinanciamento comercial com o Japão e US\$ 3 bilhões de injeção direta do governo japonês para os países escolhidos.

“Estamos contrariados pela recusa do Bird em avalizar os créditos ao Brasil e por isso considero que o Fundo Nakasone deveria destinar mais recursos para o investimento direto de governo a governo”, afirma o presidente do Banco de Tóquio, maior credor japonês, Toshiro Kobayashi. “Não há por que destinar tantos recursos para o Bird repassar, pois este órgão é controlado pelo governo americano e não funciona, porque sua burocracia é muito grande”, completa.

A posição dos bancos japoneses é que o Bird passe a atuar dentro do espírito do esquecido Plano Baker, lançado há dois anos pelo secretário do Tesouro Americano, lançado há dois anos pelo

secretário do Tesouro Americano, James Baker, e que previa maior colaboração dos órgãos internacionais na solução da dívida externa dos países em desenvolvimento. “Nós, dos bancos privados, estamos prometendo o dinheiro necessário ao Brasil, mas o Bird está omissa. O engraçado é que os órgãos internacionais estão mais recebendo que injetando dinheiro, mas dessa vez quero ver o Bird participar com pelo menos 10%”, irrita-se Kobayashi.

O governo americano, porém, está rejeitando essa tese, argumentando que o Brasil não necessita de nenhum aval por se tratar de um país com credibilidade. “Ora, esse argumento do governo americano se torna muito forte, simplesmente porque o Bird é controlado pelo próprio governo americano. Só que o dinheiro do Fundo Nakasone vai ser repassado em sua maioria pelo Bird, então eles precisam negociar essa questão. Acho que a solução será aumentar a participação no projeto de investimento direto governo a governo”, arremata Kobayashi.